

Fotografia | Escultura

JOÃO DANIEL
JORGE RICARDO
MIGUEL PROENÇA

ISABEL GARCIA

In Ludo

Curadoria de António Guerra

Leiria | 9 novembro | 28 dezembro | 2013
Segunda a sexta 10h00 : 13h00 - 14h00 : 17h30 | Sábados: 14h00 : 17h30

João Daniel



Decomposição Viva

Vivemos num mundo dual. Essa dualidade está bem expressa no conceito oriental do Yin e Yang que se encontra simbolizado desde as eras mais remotas em muitas tradições tais como o Taoísmo, o Xintoísmo, o Budismo, o Judaísmo e o Cristianismo.

Todas elas proclamam que a infinidade una se manifesta em tendências complementares antagónicas, numa mutação sem fim.

Significa que todos os antagonismos são complementares e um não existe sem o outro. Um determinado conceito não existe por si só ou não tem significado sem a existência do seu complementar.

Assim, o conceito de leve não pode ser dissociado do pesado, o frio do quente, o alto do baixo, o maior do mais pequeno, o exterior do interior, a expansão da contracção, o ascendente do descendente, o feminino do masculino e por aí fora...

Há já bastante tempo que me veio à ideia traduzir essa dualidade em linguagem fotográfica. Os trabalhos aqui apresentados são apenas uma tentativa de começo da concretização dessa ideia, a qual se tem revelado muito mais difícil do que tinha imaginado. *Ser e não ser...*

JD

João Daniel

Nasci em Alcobaça em 1952. Em 1975 adquiri a minha primeira máquina "reflex" e desde aí nunca mais parei de clicar.

Apesar dos muitos negativos/positivos acumulados, só a partir de 2005 me passou pela cabeça que fazia algum sentido começar a dá-los a conhecer. Em 2006 surgiu a primeira oportunidade de mostrar algum trabalho e a partir daí tenho tentado fazê-lo sempre que se proporcione, o que aconteceu em 2008, 2009 e 2011. Paralelamente, tenho também fotografias que ilustram algumas publicações relacionadas com o Mosteiro de Stª Maria de Alcobaça, do qual publiquei, em 2012, Santa Maria de Alcobaça – Luz e pedra, ACD Editores (ISBN9789728855659).

Também há quem aprecie uma outra fotografia minha e a tenha adquirido para pendurar nalguma parede. Tenho pena de ter pouco tempo disponível para dedicar à fotografia pois imagino e a guardo "mil e um" projectos que provavelmente nunca verão a luz do dia!

JD

Jorge Ricardo

A pior das guerras é a que perdemos contra nós mesmos. Erguemos muralhas, levantámos torres de menagem, içámos velas guerreiras, edificámos palácios triunfais e estádios majestáticos para celebrar a vitória, e percebemos que essa guerra nunca ocorreu porque o inimigo fomos nós e não tivemos sequer força para a iniciar.

Hoje, abatidos, percebemos a desastrosa ilusão que incendiámos e alimentámos, e arcamos o fardo da derrota de uma guerra nunca começada porque o inimigo nunca revelou o seu punhal. Ele não passou do nosso medo ao vazio, à ausência de movimento, ou ao silêncio, e sempre apareceu a sorrir em cartazes eleitorais de homens de confiança.

Agora, de posse dos nossos próprios despejos de guerra, assistimos quietos à destruição dos activos e ao tenebroso espectáculo de uma dívida que não cessa de se exhibir, bela, madura, sedenta de tudo o que é nosso, e que nos devora de mansinho, beijando-nos lascivamente os lábios, como uma amante nos suga, deliciosamente, tudo a que não podemos resistir e dizer simplesmente não...

João Duque

Jorge Ricardo

Jorge Humberto Ricardo nasceu em Alcobaça em 1964, onde reside e trabalha.

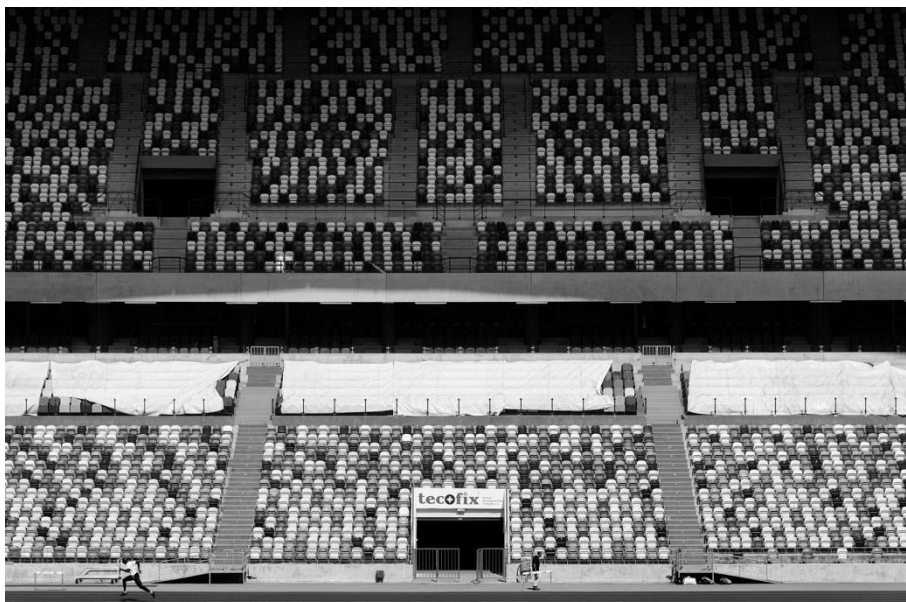
Frequentou o 1º Curso de Fotografia Industrial, Publicidade e Moda, na “Oficina da Imagem”, em Lisboa (1989) e executou a produção fotográfica do livro “A Loíça de Alcobaça”, de João da Bernarda (Edições ASA, 2001).

Ao longo dos anos explorou várias vertentes da fotografia, que deu a conhecer em 2010 com a primeira exposição individual, em Alcobaça, com o projecto “infinitos”.

Ainda em Alcobaça, participa na Rabiscuits 2011 - Mostra de Arte Experimental, com a instalação “A Fábrica”. Deste projecto seleccionou uma série de trabalhos que acabaram por ser apresentados na 12.ª Bienal de Fotografia de Vila Franca de Xira, em 2012. Em 2013 integra o conjunto de artistas que expõem na Galeria de Exposições Temporária do Mosteiro de Alcobaça, “O Futuro da Memória”, no âmbito das Jornadas Europeias do Património.

Exposições: **Individuais: 2010-2011** Infinitos (Alcobaça, *Bar Estremadura-Café*; S. Pedro de Moel, *Centro Azul*; S. Martinho do Porto, *Hotel Palace do Capitão*; Lisboa, *Velha Gaiteira, Sabores & Cultura*; Nazaré, *Livraria “Cenas & Livros”*; Batalha, *Galeria Mouzinho de Albuquerque*; Figueira da Foz, *Centro de Artes e Espectáculos*.

Colectivas: 2013 Alcobaça, “O Futuro da Memória/Jornadas Europeias do Património Cultural”, *Galeria de Exposições Temporárias do Mosteiro de Alcobaça*
2012 12ª Bienal de Fotografia de Vila Franca de Xira (BF12), *Celeiro da Patriarcal*
2011 A Fábrica (Alcobaça, *Rabiscuits - Mostra de Arte Experimental*).



Jorge Ricardo, 2013

Miguel Proença



Miguel Proença, *skenografia 3d*

Skenografia 3d

Da Grécia Antiga chegou-nos a ideia da escultura como possibilidade de representação, representação que no seu estado perfeito ganha vida, torna-se humana. Os Gregos também desenvolveram um sistema de re-apresentação, de tradução, das três dimensões em duas, na pintura de cenografia, designada “Skenografia”. Ao contrário da escultura, que podia aspirar a ser vida, a Skenografia no seu auge poderia ser considerada uma cópia, uma ilusão, uma mimése, sem possibilidade de humanidade.

Para esta mostra proposta por António Guerra, pensei num trabalho que permitisse explorar a sugestiva e aberta ideia de ilusão no âmbito da fotografia. Recorrendo a métodos da fotografia do século XIX proponho assim fotografar possibilidades de perfeição (estátuas) e rerepresentá-las de forma ilusória, em pares estereoscópicos. É, de certa forma, um aprofundamento e uma continuação do trabalho iniciado para a exposição “Emergir - identity specific”, com Maria Tomás, na Casa dos Gessos do Museu Militar de Lisboa. Se nessa situação foi assumida a via da montagem fotográfica [a peça tem o nome “Corta, baralha e dá”], aqui a escolha foi de trilhar território estritamente fotográfico.

MP

Miguel Proença

Fotógrafo, nasceu em Lisboa (1963), onde vive e trabalha.

Licenciado em Agronomia (1990) pela Universidade da Florida (EUA). Estudou *Reportagem* com Leonardo Brogioni (John Kaverdash School, 1998-99) e *Linguagem Fotográfica* com Emílio de Tullio e Roberto Signorini (Círculo Filológico Milanese, 2000-01) (Milão, Itália). É Mestre em História de Arte (Contemporânea), pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa (2010) e frequenta o doutoramento na Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa na área de Multimédia, com especialização em Fotografia.

É especializado na área da reprodução de obras de arte.

Expõe desde 1991 e nas suas exposições mais recentes contam-se:

2013 “Gabinete de Curiosidades”, autor convidado, (cur. Isabel Vaz Lopes, com Andreia Quelhas Lima, António Barreto, Emanuel Berenguel, Gaetan, José Pedro Croft, outros) *Galeria Corrente D’Arte*, Lisboa; “Caldo Primordial”, colectiva “Geografias da água e outros sonhos”, *Palácio da Galeria*, Tavira; “Luz da Vivência, Luz da Memória”, colectiva “Aldeia Dupla” (com António Carrapato, Benjamin Enes Pereira e Pedro Pacheco) *Museu da Luz*, Mourão; **2012** “Terra Cinza”, XII Bienal de Fotografia de Vila Franca de Xira, *Sociedade Nacional de Belas Artes*, Lisboa.

Publicou os livros de fotografia “*Alqueva – paisagem que muda povo que espera*”, texto de António Oliveira Soares, Ed. Arte Contempo, Lisboa, 2007 e “*Artes & Artimanhas da Terra para o Mar*”, texto de Raquel Delgado Martins, Ed. Casa das Artes de Tavira, 2000.

AG/MP

Mais informações sobre Miguel Proença em <http://www.miguelproenca.com> (.org, English language)

Isabel Garcia

Via Mendax

Inspirada na lenda de tradição oral *Hänsel und Gretel*, imortalizada pelos irmãos Grimm, a escultora Isabel Garcia desenvolveu e apresenta ao público pela primeira vez, na exposição *In Ludo*, a sua instalação *Via Mendax*.

Neste jogo de opções, uma porta multiplicada num jogo de espelhos permite que cada observador descubra o seu caminho, seguindo as pistas sentidas no modelo de cada qual.

E nem a protecção dada às pistas, seixos vermelhos ou pedaços de pão aqui enjaulados, mas livres na imaginação de cada qual, nos impede de embrenhar num caminho, tantas vezes repetido, mas nunca igual.

O nosso caminho, as nossas pistas, a nossa ilusão.

Isabel Garcia

Isabel Garcia nasceu na Figueira da Foz, licenciou-se em Pintura na ESBAL, vive e trabalha em Lisboa e Alcobaça.

Em 1985 foi subsidiada pela F. C. Gulbenkian para investigar a interligação de diversos materiais como o ferro, vidro e aço polido.

Tem vindo a dedicar-se à interpretação do imaginário mitológico clássico e de tradição popular.

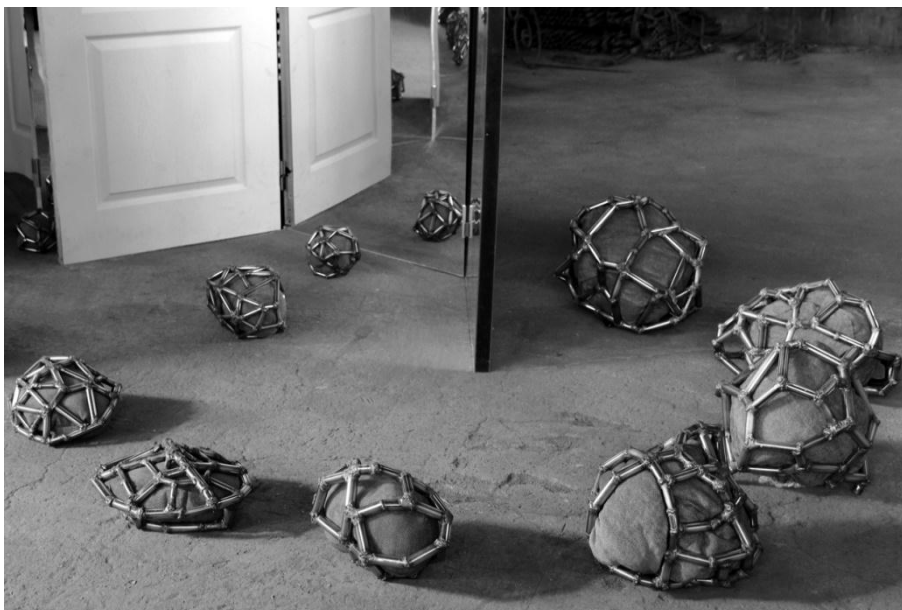
Desde os finais dos 80, a sua linguagem plástica explora o reflexo e multiplicação de imagens através da utilização do aço polido em tubo associado ao espelho.

A instalação e o vídeo, têm feito parte das suas intervenções em espaços institucionais, como “Mesas Postas” (cozinha, Mosteiro de Alcobaça), “Rosa Rosae” (Museu Alberto Sampaio, Guimarães), “Love Affair” (Convento dos Capuchos) e “Tormenta” (Ala Sul, Mosteiro de Alcobaça).

Expõe regularmente desde 1981 em Galerias, Feiras de Arte e Espaços Institucionais e é autora de intervenções em diversos espaços públicos (Ponta Delgada, Santa Maria da Feira, Tomar, Penafiel).

Prémios: 2008 Menção Honrosa, Instalação, *Prémio Vespeira, IX Bienal de Artes Plásticas do Montijo* 2005 Menção Honrosa, Desenho, *Prémio Vespeira, VIII Bienal de Artes Plásticas Cidade de Montijo* 1992 Menção Honrosa, Pintura, *Prémio João Hogan*, Lisboa; 1985 Prémio de Desenho, *II Bienal de Desenho, Árvore*, Porto; Prémio de Pintura, exposição *Arte e Desporto* (Comité Olímpico Português), Lisboa.

Coleções: Caixa Geral de Depósitos, *Chemical Bank*, Fundação PLMJ, Hospital de Ponta Delgada, Hospital de Santa Maria da Feira, Hospital de Tomar, Hospital de Penafiel, Hotel D. Luís (Coimbra), *Private Bankers* (Porto), Grupo MEDINFAR, Museu Alberto Sampaio (Guimarães), Casa da Cerca (Almada), Fundação Armazém das Artes (Alcobaça), Câmaras Municipais de Montemor-o-Novo e Alcobaça, Centro Cultural de Macedo de Cavaleiros, Assembleia da República.



Pormenor da instalação *Via Mendax*, de Isabel Garcia (fotografia de António Guerra, 2013)

In Ludo

fotografia | escultura

Ilusão, s.f. (do latim *iludo*, a partir do prefixo *in*, acrescido do verbo *ludo*):

1. engano dos sentidos, do pensamento ou do espírito, que faz tomar a aparência pela realidade; 2. o que se nos afigura ser, mas não o é; 3. engano dos sentidos ou do espírito; 4. quimera. 5. esperança irrealizável.

do *ludo* vem alusão (*aludo*), brincar (*lúdico*), intervalo (*interlúdio*), representação (*prelúdio*)

Será a obra de arte o espelho da realidade de cada um, artista e observador, na idiossincrasia que faz de cada construção uma só, mas tantas, na ilusão de cada qual?

In ludo, imagem ou miragem entre um antes e o depois, alucinação dos momentos apreendidos na alquimia de cada artesão e nas construções, cognitivas e infinitas, de cada observador.

A obra, na alusão do momento, faz-se na certeza e incerteza dos enganos e desenganos, com sentidos, pensamentos, realidades ou quimeras, afirmação, esperança, burla, abrigo amainado e mais tarde revolto.
Mero interlúdio entre ser ou não ser?

Tudo isso, ou mais do que isso, será o prelúdio de um engano percebido, porque existe, pois o sentimos, vemos e perpetuamos, no seu instante positivo.

João Daniel assume nesta exposição uma visão antagónica, *ser e não ser*, projecto em curso que não se esgota no trabalho apresentado. A subtilidade da sua obra poderá remeter para os trabalhos do húngaro André Kertész (1894-1985) que, embora possam nem ter sido percebidas pelo autor, são tão boa referência para quem faz da fotografia uma tão permanente ilusão.

Quando a dimensão das coisas ultrapassa o próprio Homem e se afasta do necessário, ou tão simplesmente do utilizável, a opulência mostra-nos o seu próprio vazio, tão frio e estéril, quanto distante. No trabalho de Jorge Ricardo revejo a quimera perdida nos desertos de betão. *Fio de Prumo* resume o antagonismo sonho/pesadelo, na imagem real e palpável da desilusão.

Com *Skenografia 3D* Miguel Proença explora a ilusão no âmbito da fotografia, recorrendo a métodos já utilizados no século XIX para fotografar possibilidades de perfeição (estátuas, no quase-vivo da Grécia Antiga), representando-as de forma ilusória, em pares estereoscópicos.

A instalação *Via Mendax*, da escultora Isabel Garcia, transporta-nos com o imaginário de *Hänsel und Gretel* à ilusão da escolha, construída na (in)segurança da descoberta dos nossos caminhos.

E se não as virmos assim, que importância tem?

Se só depois de as vermos na ilusão construída à nossa imagem serão as *nossas*, no ser de cada qual...

... *in ludo!*

A ilusão é o primeiro de todos os prazeres
| Oscar Wilde |

António Guerra, 2013

Curador



João Daniel
(auto-retrato)



Jorge Ricardo
(auto-retrato)



Miguel Proença
(fot. Henrique Calvet)



Isabel Garcia
(fot. António Guerra)